

OBSERVATÓRIO DAS DESIGUALDADES
ESTUDO | MARÇO DE 2025

AS MULHERES JOVENS NO MERCADO DE TRABALHO: DESEMPREGO, PRECARIEDADE LABORAL E DESIGUALDADES

INÊS TAVARES | RENATO MIGUEL DO CARMO

Observatório das Desigualdades

Av. das Forças Armadas, Edifício Iscte-Conhecimento e Inovação, 1649-026 LISBOA, PORTUGAL

<http://observatorio-das-desigualdades.com/>

COMO CITAR

Tavares, Inês; e Renato Miguel do Carmo (2025), *As mulheres jovens no mercado de trabalho: desemprego, precariedade laboral e desigualdades*, Lisboa, Observatório das Desigualdades, CIES-Iscte.

Disponível em:

<https://www.observatorio-das-desigualdades.com/2025/03/07/as-mulheres-no-mercado-de-trabalho-de-ines-tavares-e-renato-miguel-do-carmo/>

DOI: 10.15847/CIESODDesigualdadeGenero

ÍNDICE

COMO CITAR	1
INTRODUÇÃO.....	4
DESEMPREGO.....	5
PRECARIEDADE LABORAL	9
JOVENS E O MERCADO DE TRABALHO EM PORTUGAL	16
NOTAS FINAIS.....	21

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Taxa de desemprego, 15-29 e 15-74 anos, por sexo, países da UE27, 2023	5
Figura 2. Taxa de desemprego, 15-29 e 15-74 anos, por sexo, Portugal e UE27, 2013-2023	6
Figura 3. Taxa de desemprego jovem consoante o nível de escolaridade, 15-29 anos, por sexo, países da UE27, 2023	7
Figura 4. Diferença entre mulheres e homens na taxa de desemprego jovem consoante o nível de escolaridade, 15-29 anos, por sexo, Portugal e UE27, 2013-2023	8
Figura 5. Trabalhadores jovens com contratos a tempo parcial, 15-29 anos, por sexo, Portugal e UE27, 2013-2023	9
Figura 6. Diferença entre mulheres e homens com contratos a tempo parcial involuntário, 15-29 e 15-74 anos, por sexo, Portugal e UE27, 2013-2023	10
Figura 7. Trabalhadores jovens com contratos a tempo parcial involuntário, 15-29 anos, por sexo, Portugal e UE27, 2013-2023	11
Figura 8. Trabalhadores jovens com contratos temporários, 15-29 anos, por sexo, Portugal e UE27, 2013-2023	12
Figura 9. Trabalhadores jovens com contratos temporários involuntários, 15-29 anos, por sexo, Portugal e UE27, 2013-2023	13
Figura 10. Jovens que não trabalham, não estudam nem seguem uma formação (NEET), 15-24 anos, por sexo, países da UE27, 2023	14
Figura 11. Jovens que não trabalham, não estudam nem seguem uma formação (NEET), 15-24 anos, por sexo, Portugal e UE27, 2013-2023	15
Figura 12. Sexo e nível de escolaridade consoante rendimentos auferidos, 18-35 anos, Portugal, 2023	17
Figura 13. Sexo e nível de escolaridade consoante pluriatividade, 18-35 anos, Portugal, 2023	18
Figura 14. Sexo e nível de escolaridade consoante ter estado desempregado, 18-35 anos, Portugal, 2023	19
Figura 15. Sexo e nível de escolaridade consoante receber apoio monetário de familiares ou amigos, 18-35 anos, Portugal, 2023	20

INTRODUÇÃO

Apesar dos avanços verificados ao longo dos anos, as sociedades contemporâneas atuais são ainda profundamente marcadas pela desigualdade de género. Esta desigualdade encontra-se nas diferentes esferas da sociedade, nomeadamente no prisma laboral. Sendo verificáveis para o geral da população, têm particular incidência entre os mais jovens, nos quais as mulheres são mais prejudicadas, como se verificou em Tavares, Cândido e Carmo (2021)¹ ou em Tavares e Carmo (2024)².

O presente estudo propõe-se a explorar estas desigualdade de género no mercado laboral jovem, analisando Portugal no contexto europeu. Para tal, exploram-se três dimensões: o desemprego, a precariedade laboral e as desigualdades face ao mercado de trabalho jovem em Portugal.

¹ Tavares, Inês; Ana Filipa Cândido; e Renato Miguel do Carmo (2021), *Desemprego e Precariedade Laboral na População Jovem: Tendências Recentes em Portugal e na Europa*, Lisboa, Observatório das Desigualdades, CIES-Iscte.

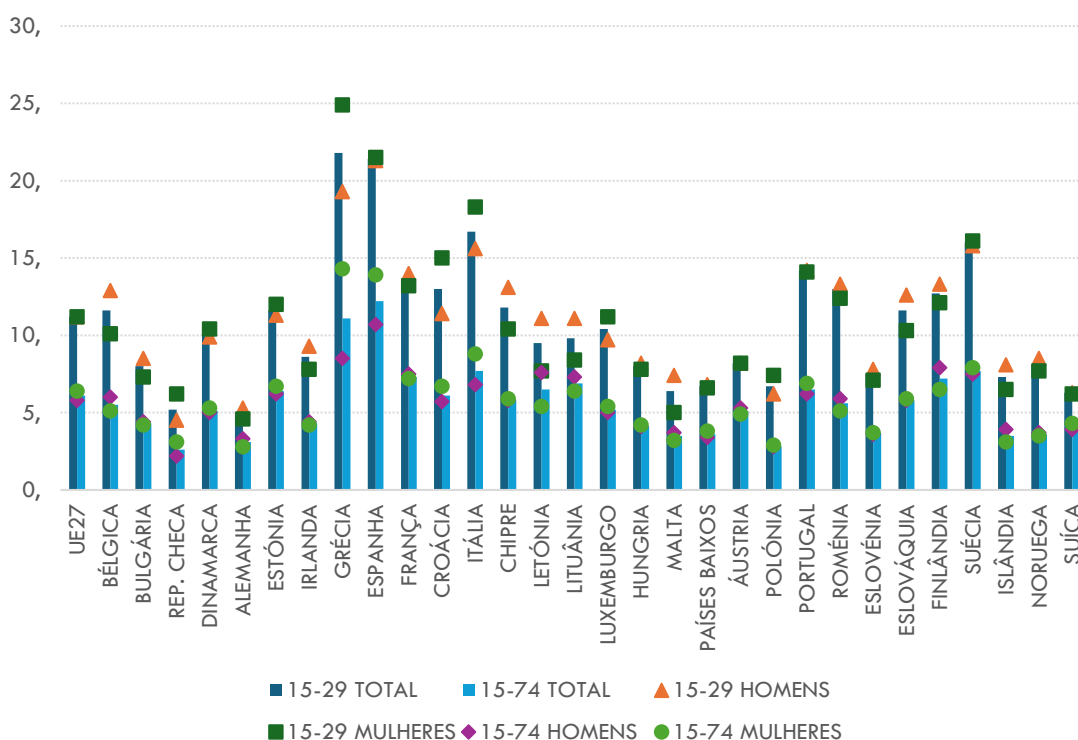
² Tavares, Inês; e Renato Miguel do Carmo (2024), “Origem social, trabalho, emprego: as múltiplas desigualdades”, In Renato Miguel do Carmo (coord.), *Jovens e o Trabalho em Portugal: Desigualdades, (Des)proteção e Futuro*, Actual Editora.

DESEMPREGO

O desemprego jovem varia substancialmente entre os países da UE27 consoante se analisam as mulheres ou os homens. É de assinalar, antes de mais, que os jovens considerados nesta análise enquadram-se no escalão etário 15-29 anos, sendo analisados em conjunto, embora se saiba que os jovens entre os 15-24 anos tendem a apresentar taxas de desemprego superiores aos jovens inseridos no escalão etário dos 25 aos 29 anos, evidenciando maior fragilidade face ao desemprego consoante o facto de se ser mais jovem.

Em todos os países, as taxas de desemprego jovem superam sempre as taxas de desemprego geral, enfatizando como os jovens são mais permeáveis ao desemprego. Os países em que as jovens entre 15 e 29 anos apresentam taxas de desemprego mais elevadas são Grécia, Espanha, Itália, Suécia e Croácia e, contrariamente, os países em que o desemprego nos mais jovens é mais baixo são Alemanha, Malta, Suíça, República Checa, Islândia e Países Baixos.

Figura 1. Taxa de desemprego, 15-29 e 15-74 anos, por sexo, países da UE27, 2023

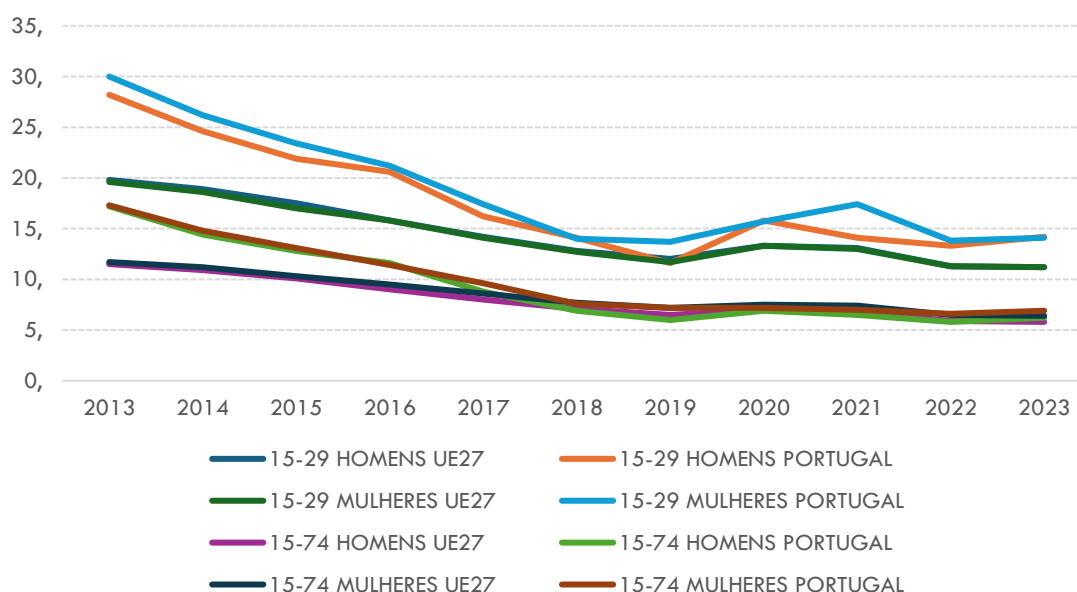


FONTE: INE, EU-SILC – Inquérito às Condições de Vida e de Rendimento

Na maioria dos países verificam-se diferenças consoante ser homem ou mulher entre os 15 e os 29 anos. O país no qual o fosso entre mulheres e homens da taxa de desemprego

é superior é a Grécia, com diferenças que alcançam 5,6 pontos percentuais (p.p.). Quando se analisa a evolução em Portugal e na UE27, constata-se que enquanto na UE27 os jovens apresentam valores semelhantes, em Portugal as mulheres entre os 15 e 29 anos são sistematicamente as que mais se encontram no desemprego, embora em 2023 tenham tido valores idênticos aos masculinos. Já entre a população ativa, dos 15 ou 74 anos, a taxa de desemprego é sempre maior nas mulheres que nos homens, tanto na UE27 como em Portugal.

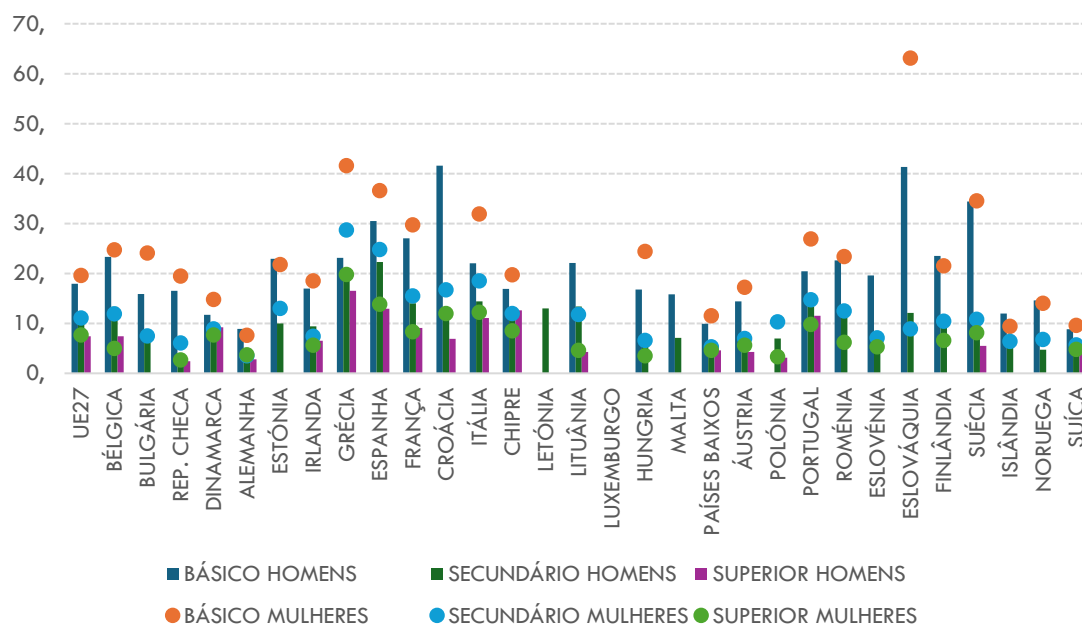
Figura 2. Taxa de desemprego, 15-29 e 15-74 anos, por sexo, Portugal e UE27, 2013-2023



FONTE: INE, EU-SILC – Inquérito às Condições de Vida e de Rendimento

A Figura 3 apresenta a taxa de desemprego jovem para cada nível de escolaridade em todos os países da UE27 em 2023. Na maioria dos países são as mulheres com o ensino básico as com taxas de desemprego mais elevadas, à exceção da Estónia, da Alemanha, da Finlândia, da Islândia e da Noruega. A taxa de desemprego da média da UE27 entre os jovens com ensino básico é de 17,9% no caso dos homens e 19,6% no caso das mulheres (+1,7 p.p.), fosso que aumenta substancialmente em alguns países, nomeadamente na Eslováquia (+21,8 p.p.) ou na Grécia (+18,5 p.p.). Em Portugal a diferença entre mulheres e homens da taxa de desemprego dos jovens com ensino básico é de +6,5 p.p..

Figura 3. Taxa de desemprego jovem consoante o nível de escolaridade, 15-29 anos, por sexo, países da UE27, 2023

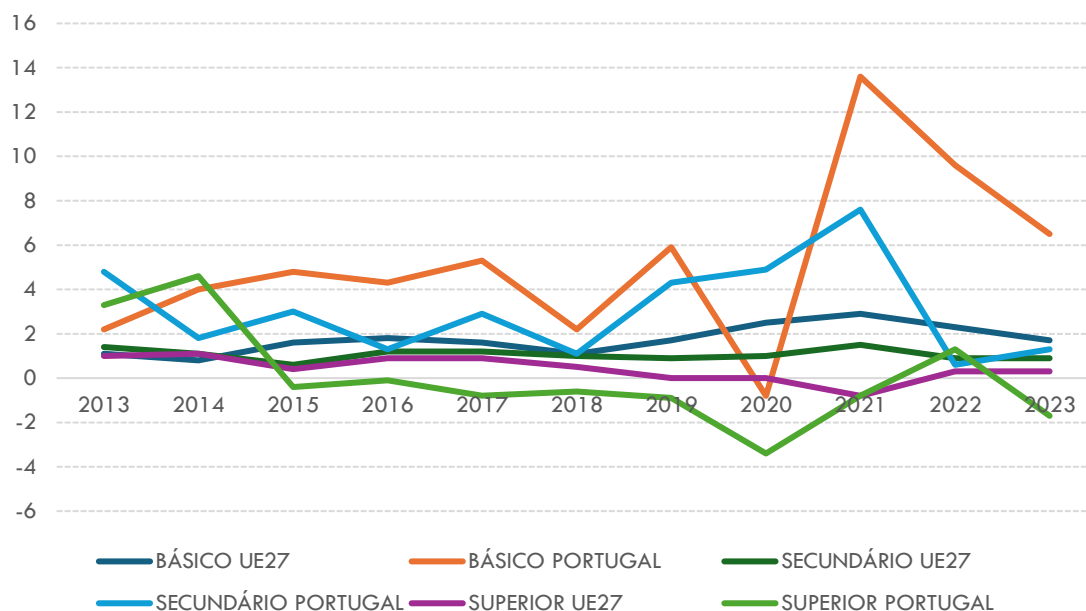


FONTE: INE, EU-SILC – Inquérito às Condições de Vida e de Rendimento

No caso grego, as mulheres que atingiram o ensino secundário apresentam taxas de desemprego superiores às dos homens que alcançaram o ensino básico. Na média da UE27, entre os jovens que atingiram o ensino secundário, as mulheres apresentam +0,9 p.p. de taxa de desemprego (entre os com ensino básico o fosso cifrava-se em +1,7 p.p.), sendo os países em que a desigualdade é mais acentuada a Grécia (+8,7 p.p.), a Croácia (+5,5 p.p.) e a Itália (+4,1 p.p.). No caso do ensino superior, os fossos são mais curtos, sendo o da média da UE27 de +0,3 p.p..

A Figura 4 ilustra a evolução da diferença entre mulheres e homens na taxa de desemprego jovem consoante o nível de escolaridade alcançado em Portugal e na UE27, entre 2013 e 2023.

Figura 4. Diferença entre mulheres e homens na taxa de desemprego jovem consoante o nível de escolaridade, 15-29 anos, por sexo, Portugal e UE27, 2013-2023



FONTE: INE, EU-SILC – Inquérito às Condições de Vida e de Rendimento

Como se pode constatar na Figura 4, são as mulheres que tanto em Portugal como na UE27 tendem a ser mais penalizadas pelo desemprego, realidade que se agrava quão mais baixos forem os seus níveis de escolaridade. De facto, e excetuando o ensino básico em Portugal em 2020 e o ensino superior em Portugal entre 2015 e 2021, em todas as restantes categorias são as mulheres as mais prejudicadas.

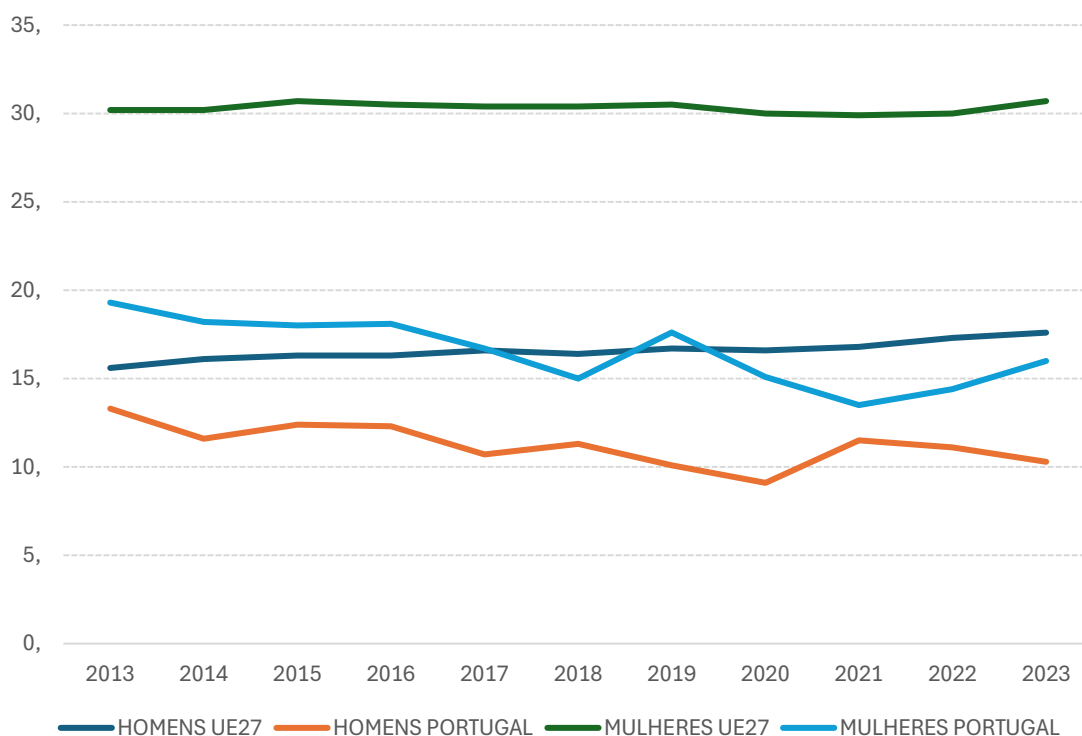
Desde 2021 que o fosso entre mulheres e homens na taxa de desemprego dos jovens com ensino básico em Portugal tem sido superior a 6 p.p., tendo atingido o máximo da série em análise em 2021, com as mulheres jovens a apresentarem taxas de desemprego 13,6 p.p. superiores às dos jovens homens. A única categoria que também apresentou um fosso de desigualdade entre mulheres e homens superior a 6 p.p. no que à taxa de desemprego concerne foi, em 2021, os jovens que alcançaram o ensino secundário (+7,6 p.p.). Encontra-se uma diferenciação clara na maior exposição à taxa de desemprego jovem consoante o sexo, sendo as mulheres as mais prejudicadas, e consoante o nível de escolaridade alcançado, sendo os jovens com menor escolaridade os que mais permeáveis se encontram face ao desemprego.

PRECARIEDADE LABORAL

De seguida será explorado como a precariedade laboral se reflete nas desigualdades de género, nomeadamente através do trabalho a tempo parcial, do trabalho a tempo parcial involuntário, do trabalho temporário, do trabalho temporário involuntário e dos jovens que não trabalham, não estudam nem seguem uma formação (NEET). Esta relação será analisada através da comparação evolutiva entre Portugal e a média dos países europeus (UE27).

A Figura 5 apresenta a proporção de jovens em trabalho a tempo parcial em Portugal e na média europeia, sendo o trabalho a tempo parcial considerado enquanto uma forma de emprego em que o trabalhador realiza um número de horas inferior ao habitual para um emprego a tempo inteiro.

Figura 5. Trabalhadores jovens com contratos a tempo parcial, 15-29 anos, por sexo, Portugal e UE27, 2013-2023



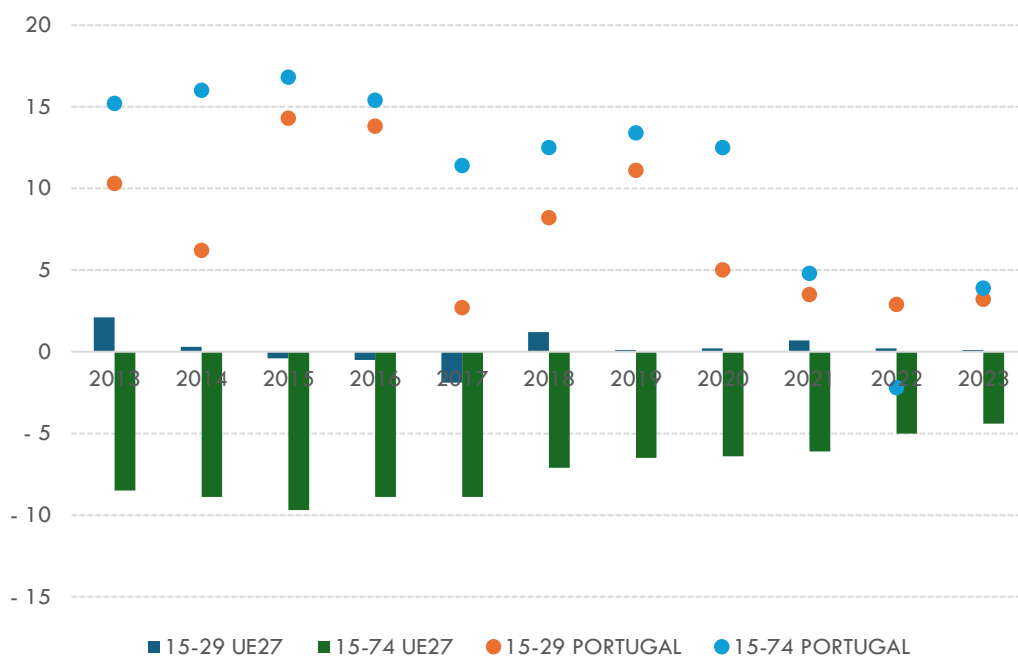
FONTE: INE, EU-SILC – Inquérito às Condições de Vida e de Rendimento

Como é possível constatar da análise da Figura 5, os jovens em Portugal trabalham tendencialmente menos a tempo parcial quando comparados com os restantes jovens europeus. No entanto, tanto na média europeia como em Portugal, em todos os anos as mulheres trabalham mais em tempo parcial que os homens, encontrando-se disparidades

de género de 13 a 15 p.p. na média da UE27 e de 4 a 8 p.p. na realidade portuguesa. Deste modo, verifica-se como as mulheres se encontram mais permeáveis ao trabalho a tempo parcial, dado constatado tanto na média europeia como na portuguesa.

A Figura 6 ilustra a diferença de pontos percentuais entre mulheres e homens que trabalham a tempo parcial involuntário, tanto para os jovens (15-29 anos), como a população ativa (15-74 anos), entre 2013 e 2023. O trabalho a tempo parcial involuntário aplica-se quando os trabalhadores estão empregados a tempo parcial não por escolha própria, mas porque não conseguiram encontrar um emprego a tempo inteiro. Este fenómeno pode ser considerado uma forma de subemprego, onde os jovens desejam trabalhar mais horas que as que lhes são oferecidas.

Figura 6. Diferença entre mulheres e homens com contratos a tempo parcial involuntário, 15-29 e 15-74 anos, por sexo, Portugal e UE27, 2013-2023



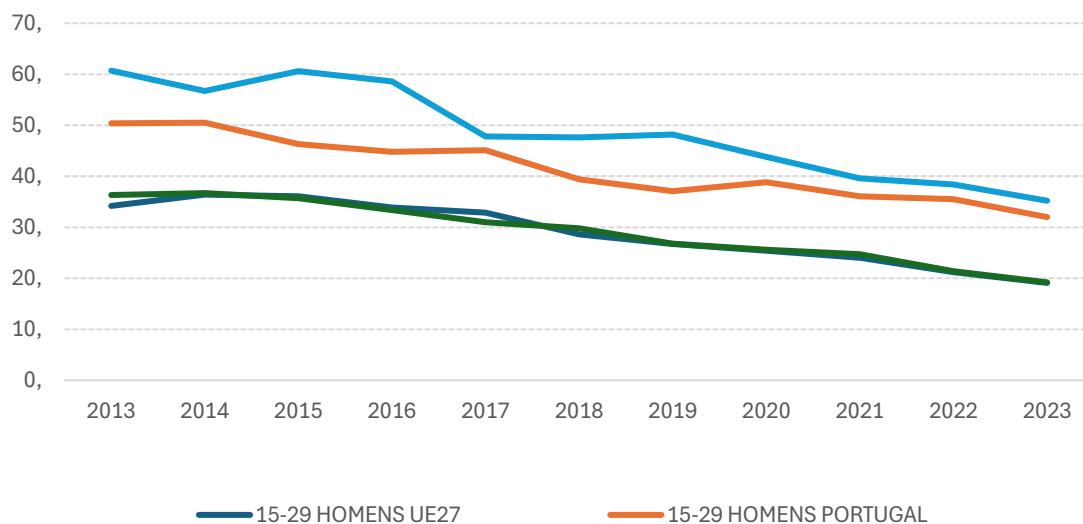
FONTE: INE, EU-SILC – Inquérito às Condições de Vida e de Rendimento

Através da Figura 6 constatam-se diferenças entre a média dos países da UE27 e Portugal. Se em Portugal, em ambos os escalões etários, as mulheres se encontram sistematicamente em maior proporção no trabalho a tempo parcial involuntário comparativamente aos homens (sendo a única exceção as mulheres entre 15-74 anos em 2022), na média europeia as disparidades apuradas entre não são tão evidentes, sendo no caso da população ativa os homens os mais penalizados pelo trabalho a tempo parcial involuntário e, entre os jovens, as desigualdades são pouco acentuadas, tendo entre 2015

e 2017 sido os homens os mais representados no trabalho a tempo parcial involuntário e, nos restantes anos, as mulheres.

Analisando com maior detalhe os valores apurados para os jovens trabalhadores em tempo parcial involuntariamente, constata-se na Figura 7 como, por um lado, os jovens em Portugal são mais afetados pelo trabalho a tempo parcial involuntário que a média europeia em todos os anos em análise e, por outro lado, como as jovens mulheres se encontram sistematicamente em maior proporção no trabalho a tempo parcial involuntário, quando comparadas com os jovens homens. Na média europeia, homens e mulheres, embora com ligeiras diferenças, seguem tendências semelhantes, não se apurando diferenças substanciais entre sexos.

Figura 7. Trabalhadores jovens com contratos a tempo parcial involuntário, 15-29 anos, por sexo, Portugal e UE27, 2013-2023



FONTE: INE, EU-SILC – Inquérito às Condições de Vida e de Rendimento

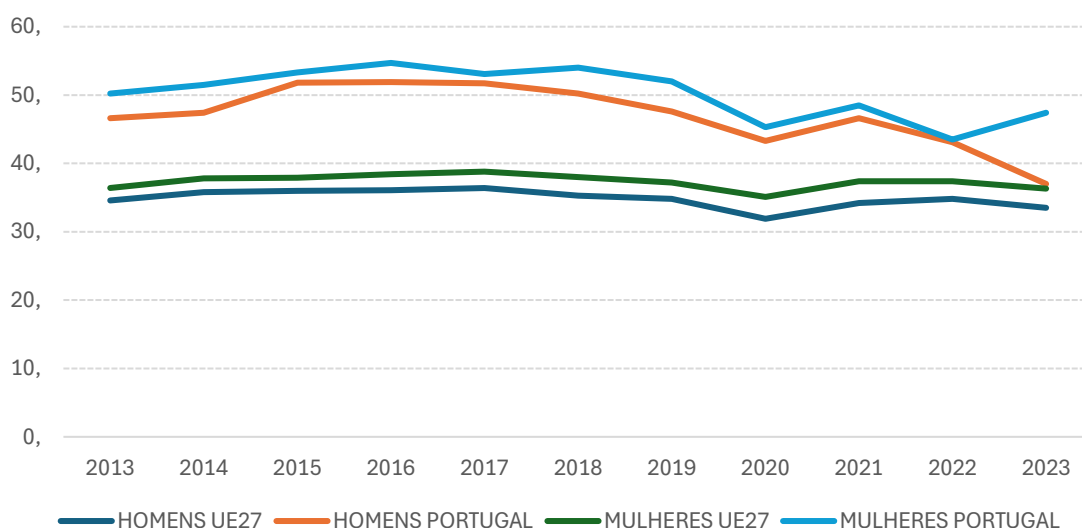
Deste modo, constata-se que embora os jovens europeus tenham mais proporção de contratos a tempo parcial, quando se analisa o trabalho a tempo parcial involuntário, isto é, os jovens que apenas trabalham a tempo parcial porque não encontram uma alternativa a tempo inteiro, os valores são superiores em Portugal. Estes dados evidenciam tanto que a precariedade laboral se encontra mais presente em Portugal, comparativamente ao resto da Europa, como que em ambas as situações as mulheres são mais afetadas por esta precariedade.

De modo a melhor explorar a precariedade laboral, de seguida analisa-se o trabalho temporário. Considera-se trabalho temporário os contratos a termo (ou seja, contratos não permanentes). Um trabalho pode ser classificado como temporário (e o trabalhador

como trabalhador temporário) se estiver estipulado um prazo de duração do contrato e a indicação do seu termo. Este tipo de contrato segue determinadas regras, como a existência de uma data específica até à conclusão de uma atividade ou tarefa, ou o facto da sua duração acontecer por todo o tempo necessário à substituição do trabalhador ausente. Os jovens podem estar em trabalho temporário por não quererem um trabalho permanente, não conseguirem encontrar um trabalho com contrato sem termo, período experimental ou estarem em educação e treino, como é o caso dos estágios profissionais.

Observando a Figura 8, que apresenta os jovens trabalhadores com contratos temporários na média europeia e em Portugal entre 2013 e 2023, constata-se que a proporção de jovens com contratos temporários é superior na média portuguesa que na europeia. De facto, enquanto os jovens portugueses detêm mais contratos a tempo parcial que a média europeia, quando se analisa os contratos temporários o mesmo não sucede, sendo estes mais presentes em Portugal que na UE27. Quando se compara entre mulheres e homens, e tal como verificado nos contratos a tempo parcial, são sempre as mulheres as mais afetadas por este tipo de contratos. Esta é uma desigualdade de género que se mantém estável na média europeia e em Portugal, embora no último ano tenha existido um afastamento entre homens e mulheres em Portugal, com estas a ficarem claramente mais afetadas pelo trabalho temporário que os homens, encontrando-se um fosso de 10,4 p.p..

Figura 8. Trabalhadores jovens com contratos temporários, 15-29 anos, por sexo, Portugal e UE27, 2013-2023



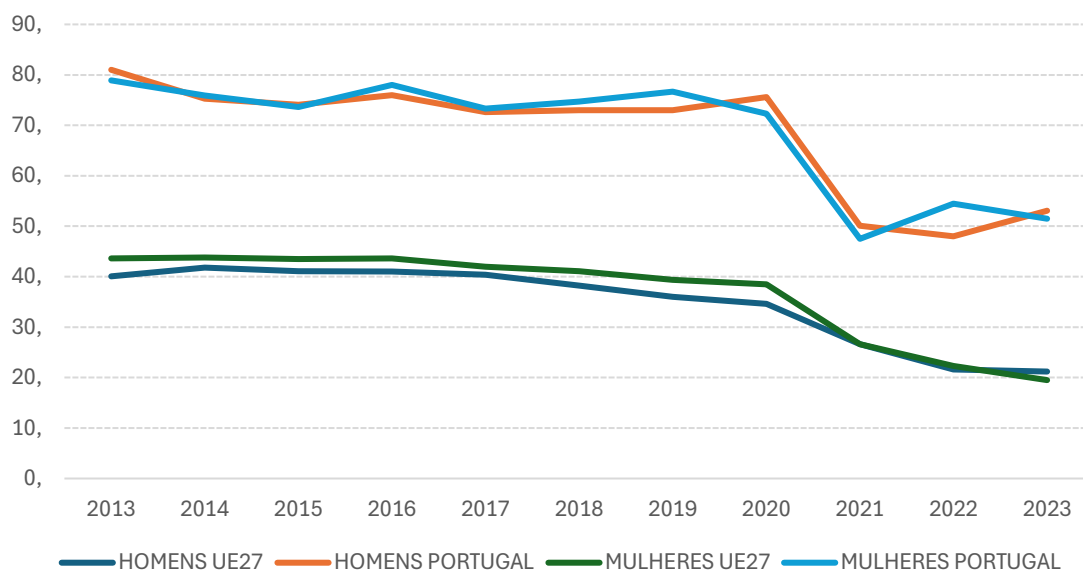
FONTE: INE, EU-SILC – Inquérito às Condições de Vida e de Rendimento

A Figura 9 ilustra o trabalho temporário involuntário jovem em Portugal e na UE27 entre 2013 e 2023. Considera-se que um trabalhador se encontra em trabalho temporário involuntário quando este declara ter um contrato temporário porque não conseguiu encontrar um trabalho com carácter permanente.

Em todos os anos os jovens em Portugal apresentam taxas de trabalho temporário involuntário significativamente superiores à média europeia, a rondar diferenças entre 30 a 40 p.p.. Deste modo, os jovens que trabalham em Portugal são substancialmente mais pautados por trabalho temporário involuntário que a generalidade dos jovens europeus.

Contrariamente ao trabalho a tempo parcial involuntário, não existem diferenças substanciais entre homens e mulheres em Portugal, embora seja de assinalar a diminuição generalizada a partir de 2021. No entanto, quando se analisa a média europeia de jovens trabalhadores a tempo parcial involuntário, constata-se que tendencialmente as mulheres têm valores superiores aos homens, à exceção de 2023, em que tal se inverteu.

Figura 9. Trabalhadores jovens com contratos temporários involuntários, 15-29 anos, por sexo, Portugal e UE27, 2013-2023



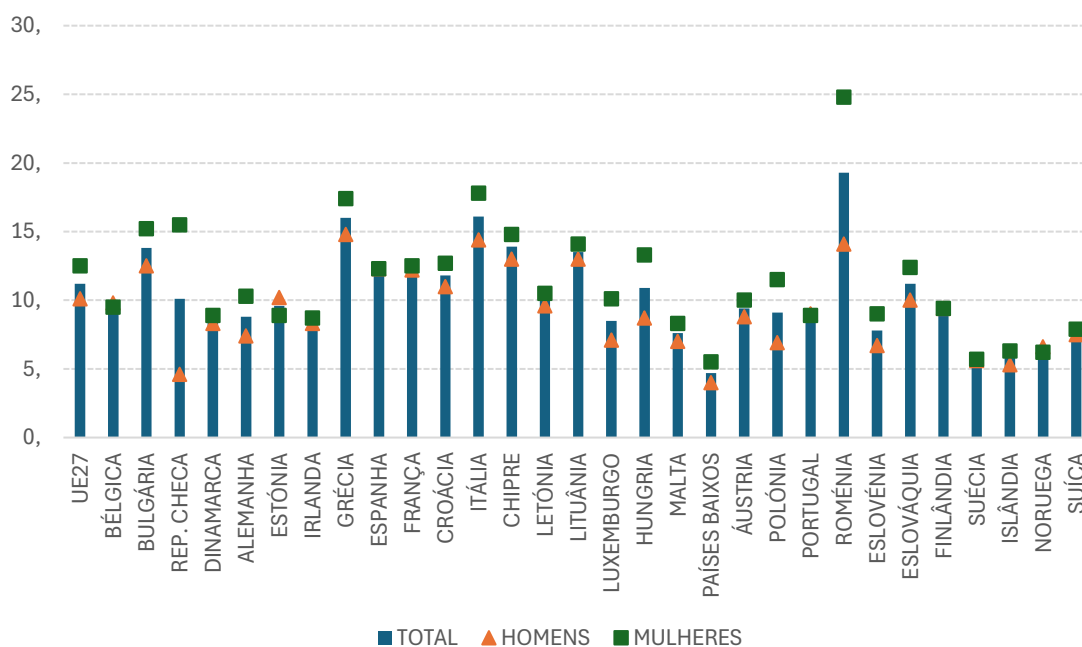
FONTE: INE, EU-SILC – Inquérito às Condições de Vida e de Rendimento

A Figura 10 apresenta os jovens que não trabalham, não estudam nem seguem uma formação (NEET) nos diferentes países europeus, consoante o sexo, em 2023. O indicador relativo aos jovens que não trabalham, não estudam nem seguem uma formação (NEET) respeita a jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos que não estão empregados e não receberam qualquer educação ou formação nas quatro semanas anteriores ao inquérito.

Na maioria dos países europeus existe maior proporção de jovens não trabalham, não estudam nem seguem uma formação entre as mulheres que entre os homens, à exceção da Bélgica, Estónia, Portugal e Noruega. Os países em que a desigualdade de género é mais acentuada são a República Checa (em que a taxa é 10,9 p.p. superior nas mulheres) e a Roménia (+10,7 p.p.).

É de sinalizar que os países em que a proporção de jovens que não trabalham, não estudam nem seguem uma formação é menor são os Países Baixos (4,7%), a Suécia (5,7%), a Islândia (5,8%) e a Noruega (6,4%).

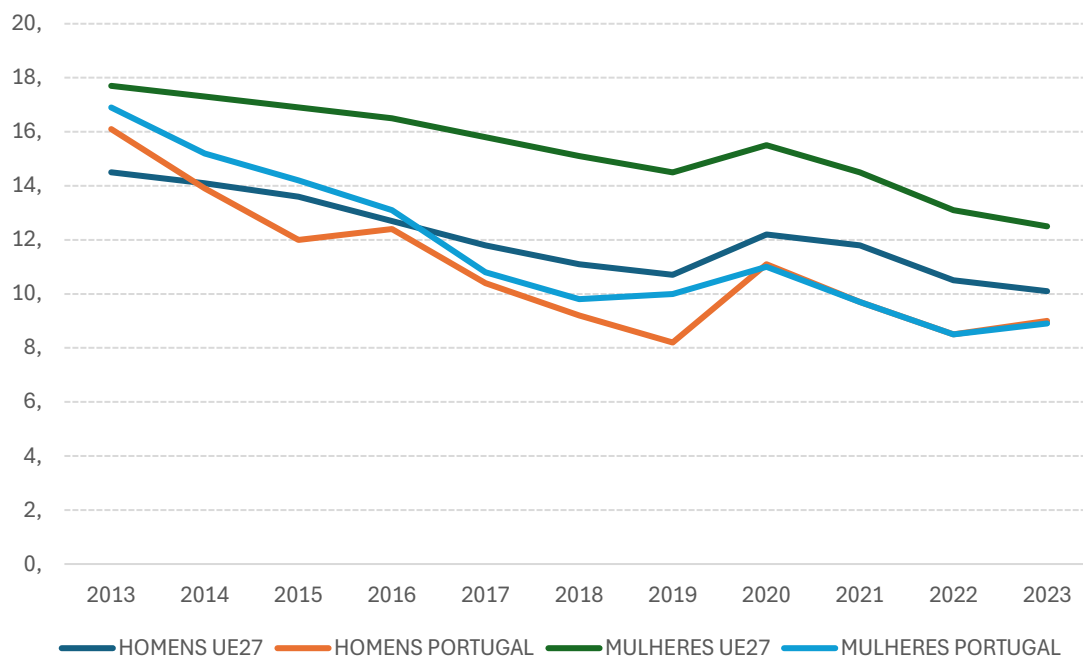
Figura 10. Jovens que não trabalham, não estudam nem seguem uma formação (NEET), 15-24 anos, por sexo, países da UE27, 2023



FONTE: INE, EU-SILC – Inquérito às Condições de Vida e de Rendimento

Quando se analisa a evolução dos jovens que não trabalham, não estudam nem seguem uma formação (NEET) em Portugal e na média da UE27 entre 2013 e 2023, como a Figura 11 exemplifica, verifica-se que Portugal se encontra abaixo da média europeia tanto no caso feminino como no masculino desde 2016. Embora ao longo da série as mulheres em Portugal apresentem valores mais elevados de jovens que não trabalham, não estudam nem seguem uma formação comparativamente aos homens, a partir de 2020 ficam equiparados, com proporções semelhantes.

Figura 11. Jovens que não trabalham, não estudam nem seguem uma formação (NEET), 15-24 anos, por sexo, Portugal e UE27, 2013-2023



FONTE: INE, EU-SILC – Inquérito às Condições de Vida e de Rendimento

Já no caso europeu, a proporção de mulheres que não trabalham, não estudam nem seguem uma formação é sempre superior à dos homens, com diferenças que alternam entre 3 a 4 p.p..

JOVENS E O MERCADO DE TRABALHO EM PORTUGAL

Tendo-se constatado, nas secções anteriores, como o desemprego e a precariedade laboral afetam, por um lado, mais os jovens que a população ativa e, por outro, mais as mulheres que os homens, nesta secção irá abordar-se o mercado de trabalho jovem e algumas das desigualdades que nele se encontram, nomeadamente na relação entre sexo, níveis de escolaridade, rendimento, ter estado desempregado, pluriatividade ou apoio monetário de familiares e amigos. Para fazer esta análise, e uma vez que os dados oficiais não detalham de modo tão pormenorizado as variáveis que se pretendem aprofundar, irá utilizar-se os dados recolhidos no âmbito do “Inquérito aos jovens sobre o mercado de trabalho e o sistema de segurança social em Portugal”, cujo trabalho resultou no livro “Jovens e o Trabalho em Portugal: Desigualdades, (Des)proteção e Futuro”, publicado em 2024 e coordenado por Renato Miguel do Carmo, tendo também como autores Fátima Suleman, Inês Tavares, Ricardo Barradas e Rodrigo Vieira de Assis³.

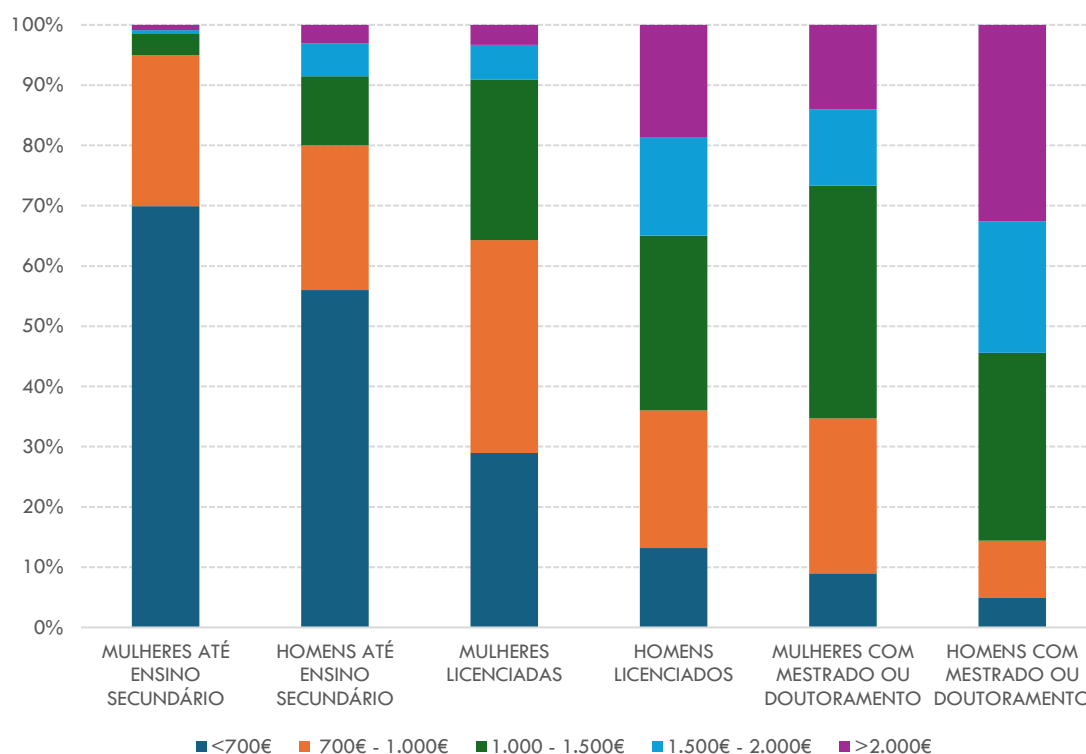
Como consta no livro, de um ponto de vista metodológico “foi elaborado um inquérito por questionário cujo instrumento para a recolha da informação empírica considerou um conjunto de perguntas sobre o mercado de trabalho e as perceções acerca do sistema de Segurança Social, além de questões necessárias para a obtenção do perfil sociodemográfico dos inquiridos. A aplicação do questionário decorreu online entre os dias 12 de dezembro de 2022 e 29 de janeiro de 2023, e foi autoadministrado por jovens, que responderam às perguntas online. Além disso, recorreu-se a uma amostragem bola de neve, que beneficiou de contactos institucionais e de redes sociais.

A amostra, após a validação da base de dados, consubstancia-se em 5076 jovens, com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos, apresentando uma distribuição relativamente uniforme em termos etários.” (Carmo, 2024: 189-190).

Para complexificar a análise acerca da desigualdade de género, optou-se por associar o sexo ao nível de escolaridade e, assim, compreender como as desigualdades sociais afetam mulheres e homens com os mesmos níveis de escolaridade. A Figura 12 apresenta o sexo e nível de escolaridade consoante os rendimentos auferidos, para os jovens em Portugal em 2023.

³ O livro pode ser consultado e adquirido aqui: <https://www.almedina.net/jovens-e-o-trabalho-em-portugal-desigualdades-desprotecao-e-futuro-1719367311.html>

Figura 12. Sexo e nível de escolaridade consoante rendimentos auferidos, 18-35 anos, Portugal, 2023



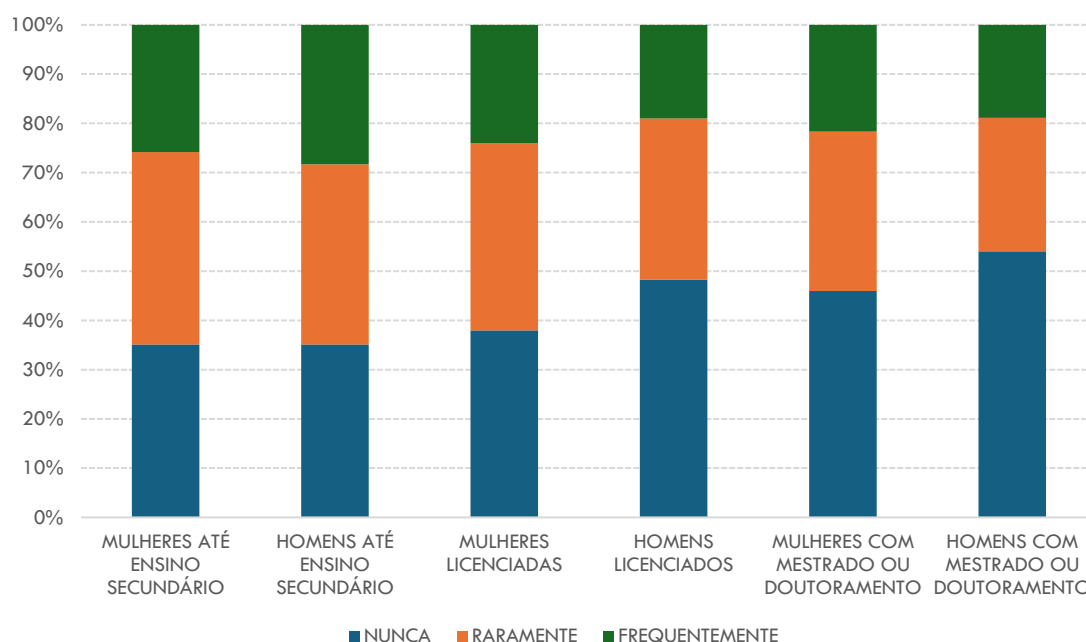
FONTE: Inquérito aos jovens sobre o mercado de trabalho e o sistema de segurança social em Portugal, 2023

A Figura 12 evidencia uma clara desigualdade de género entre os jovens relativamente aos rendimentos auferidos. Em todos os níveis de escolaridade, são as mulheres as que menos rendimentos recebem, com disparidades assinaláveis. Se se analisar os jovens que auferem acima de 1.500€, enquanto entre os homens com mestrado ou doutoramento estes rendimentos representam 54,4%, entre as mulheres com as mesmas habilitações literárias o peso desce para metade (26,7%) sendo, inclusive, ultrapassadas pelos homens licenciados (35%). Isto significa que quando se isolam os rendimentos mais elevados, os homens tendem a ter mais peso face às mulheres, inclusive os com níveis de escolaridade inferior.

Quando a análise foca os jovens com menos níveis de escolaridade, mais uma vez são as mulheres as mais prejudicadas: entre os jovens que concluíram até ao ensino obrigatório (ensino secundário), existem 69,9% de mulheres a auferir até 700€, valor que compara com 56% nos homens com a mesma escolaridade.

A Figura 13 ilustra o sexo e nível de escolaridade consoante a pluriatividade, para os jovens em Portugal em 2023.

Figura 13. Sexo e nível de escolaridade consoante pluriatividade, 18-35 anos, Portugal, 2023

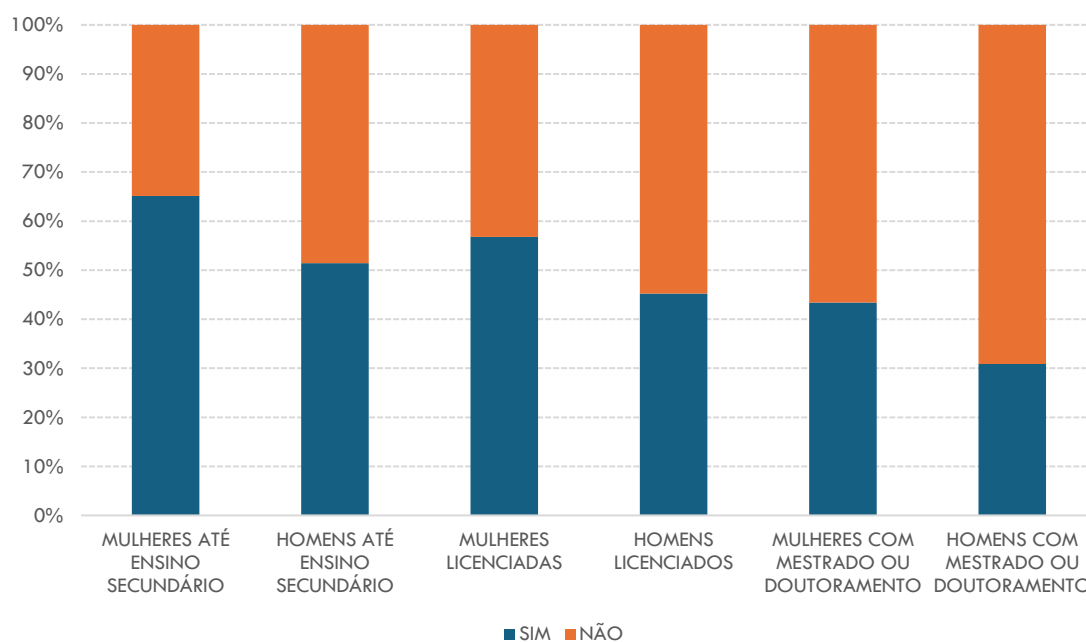


FONTE: Inquérito aos jovens sobre o mercado de trabalho e o sistema de segurança social em Portugal, 2023

Também em relação à pluriatividade as mulheres encontram-se numa posição de desigualdade face aos homens. Entre os jovens com escolaridade mais baixa os valores não parecem diferenciar consideravelmente, porém, entre os jovens licenciados o fosso é mais evidente, com uma diferença de 10,3 p.p. entre os jovens licenciados que nunca se encontraram em pluriatividade (48,3%) e as mulheres licenciadas (38%). Valores próximos apuram-se entre os que concluíram o mestrado ou doutoramento (com uma diferença de 8 p.p.), sendo de assinalar como os homens licenciados tendem a estar menos em pluriatividade que as mulheres com mestrado ou doutoramento (-2,3 p.p.).

Assim, também na pluriatividade se apuram desigualdades de género face ao mercado de trabalho jovem, encontrando-se os homens licenciados tendencialmente menos permeáveis à pluriatividade que as mulheres com mestrado ou doutoramento. A Figura 14 expõe a relação entre sexo e nível de escolaridade e ter experienciado o desemprego.

Figura 14. Sexo e nível de escolaridade consoante ter estado desempregado, 18-35 anos, Portugal, 2023

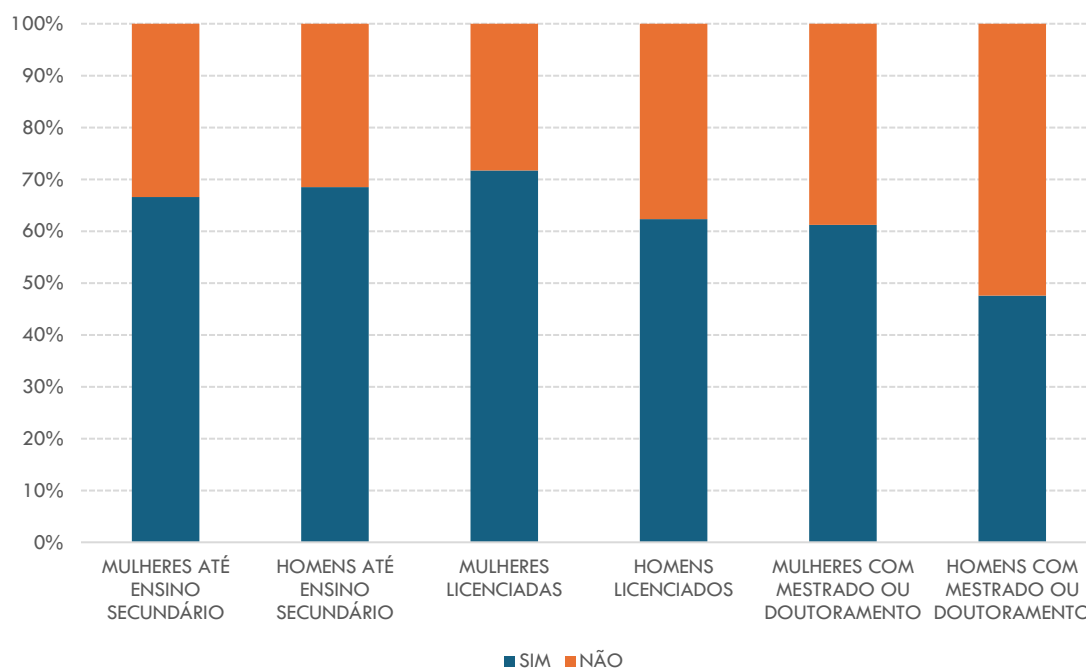


FONTE: Inquérito aos jovens sobre o mercado de trabalho e o sistema de segurança social em Portugal, 2023

Quando se analisa o sexo e nível de escolaridade consoante ter estado desempregado, as disparidades face ao género são claras, constatando-se que são as mulheres as que mais experienciaram o desemprego. Entre os jovens homens, a maioria nunca experienciou o desemprego independentemente do nível de escolaridade analisado. Porém, no caso das mulheres, apenas as com mestrado ou doutoramento se encontram nessa situação. De facto, o fosso de género consoante cada nível de escolaridade é sempre elevado, sendo de 13,7 p.p. nos jovens que atingiram até o ensino secundário, 11,6 p.p. nos licenciados e 12,5 p.p. nos com mestrado ou doutoramento. Entre os jovens que já vivenciaram o desemprego, a desigualdade de género continua a evidenciar-se, uma vez que quando se analisa se estiveram uma vez desempregados ou mais que uma vez, em todos os níveis de escolaridade são as mulheres as mais representadas na opção “2 ou mais vezes desempregada”.

Por fim, a Figura 15 analisa o sexo e nível de escolaridade consoante receber apoio monetário de familiares ou amigos.

Figura 15. Sexo e nível de escolaridade consoante receber apoio monetário de familiares ou amigos, 18-35 anos, Portugal, 2023



FONTE: Inquérito aos jovens sobre o mercado de trabalho e o sistema de segurança social em Portugal, 2023

Analisando os jovens consoante receberem apoio monetário de familiares e amigos, encontram-se diferenças entre homens e mulheres com o mesmo nível de escolaridade. Enquanto entre os jovens até ao ensino secundário as disparidades não são muito marcadas, entre tanto os licenciados (+9,4 p.p.) como os detentores de mestrado ou doutoramento (+13,6 p.p.) as mulheres são consecutivamente as que mais recebem apoio monetário de familiares ou amigos.

Como detetado na maioria dos indicadores nesta secção, os jovens licenciados apresentam, em média, dados próximos aos das mulheres com mestrado ou doutoramento, evidenciando as desigualdades de género presentes no mercado laboral jovem, que tanto se refletem nos fossos encontrados para cada nível de escolaridade, como demonstram que os níveis de escolaridade mais elevados tendem a beneficiar mais os jovens homens que as jovens mulheres.

NOTAS FINAIS

Ao longo do presente estudo verificou-se que, modo geral, os jovens são um grupo mais exposto a situações de debilidade face ao desemprego, precariedade ou às desigualdades no mercado de trabalho e, tanto entre os jovens como entre o total da população, as mulheres encontram-se numa situação de maior desigualdade face a estes indicadores.

Relativamente ao **desemprego**, verificou-se que em todos os países europeus as taxas de desemprego jovem superam as taxas de desemprego geral, enfatizando como os jovens são mais permeáveis ao desemprego. Em Portugal, tanto as mulheres jovens como as mulheres em idade ativa são sistematicamente as que mais se encontram no desemprego, quando comparadas com os homens. Quando se analisa os níveis de escolaridade alcançados, na maioria dos países europeus são as mulheres com o ensino básico as que revelam taxas de desemprego mais elevadas. De facto, são as mulheres que tanto em Portugal como na média da UE27 tendem a ser mais penalizadas pelo desemprego, realidade que se agrava quão mais baixos forem os seus níveis de escolaridade. Deste modo, observa-se uma desigualdade de género clara na maior exposição à taxa de desemprego jovem.

Relativamente à **precariedade laboral**, constata-se que embora os jovens europeus tenham mais proporção de contratos a tempo parcial, quando se analisa o trabalho a tempo parcial involuntário, os valores são superiores em Portugal, evidenciando como a precariedade laboral se encontra mais presente na realidade portuguesa, face ao resto da Europa. Verifica-se também como em ambas as situações as mulheres são mais afetadas por esta precariedade. No caso do trabalho temporário, os jovens em Portugal são mais pautados pelo trabalho temporário e pelo trabalho temporário involuntário que a generalidade dos jovens europeus, sendo as mulheres as mais afetadas. É ainda de notar a desigualdade de género encontrada entre os jovens que não trabalham, não estudam nem seguem uma formação (NEET), entre os quais, na maioria dos países europeus, existe maior proporção de mulheres que de homens.

Relativamente às **desigualdades face ao mercado de trabalho jovem em Portugal**, é de sinalizar como a desigualdade de género está presente em todos os indicadores, beneficiando sistematicamente os homens face às mulheres com o mesmo grau de escolaridade, tanto ao nível dos rendimentos, como da pluriatividade, do desemprego ou de receber apoio monetário de familiares e amigos. Esta desigualdade reflete-se nas

disparidades de género encontradas em cada nível de escolaridade e demonstra que os níveis de escolaridade mais elevados tendem a beneficiar mais os jovens homens que as jovens mulheres.